

O TÃO ESPERADO DESCANSO DA CABEÇA DO SR. LEAL
OU
onde quer que você esteja não esqueça de escrever

Pseudônimo: AL

André Felipe Pinto Duarte
FAFICH
FILOSOFIA

Algumas pessoas não sabem como solucionar os seus problemas, simplesmente não sabem o que fazer com eles. Como eu, você... como o Sr. Leal, famoso no bairro onde morava pelos pagodes que sempre havia em sua casa.

De qualquer maneira, esta é uma longa história. Na verdade, ela não é tão longa assim, mas é daquele tipo de história que, se você estiver esperando pelo ônibus, acaba sempre sem saber o que acontece no final. A não ser que você perca o ônibus, e o outro, e então sua namorada não espera até que você chega ao encontro com algumas horas de atraso. No dia seguinte, ela liga, termina o namoro, e, com um pouco de criatividade, você já tem duas histórias pra contar no ponto de ônibus pra algum ouvinte desavisado. Quem sabe você não fique tão bom nisso que acabe sendo o tio ou avô predileto dos seus sobrinhos ou netos. E eu nem falo nada a respeito dos filhos!

Trinta e quatro anos, cabelos começando a embranquiçar, começando a cair também, um e setenta e oito de altura, setenta quilos, mulher e dois filhos... Todas essas são características que podem fazer com que Leal parecesse a pessoa normal que era, não fosse um tique incomum, mas que acabou por fazê-lo amado por uma temporada.

Tudo começou num passado já um pouco distante. Leal tinha seis anos quando quebrou a televisão da casa da sua vó. Ficou tão abalado que começou a bater com a cabeça na parede. Não sentia dor. Ao menos, nunca foi percebida em seu rosto qualquer expressão de dor. Desde então, ao menor sinal de problema que não apresentasse solução ou que esta fosse um pouco mais difícil de ser encontrada, lá estava Leal batendo sua cabeça na primeira superfície à sua frente. Não que isso o ajudasse a solucionar seus problemas, ou que pusesse seu cérebro em ordem para adequá-lo ao raciocínio. Leal batia a cabeça, só isso. Era um ato que continha seu fim em si mesmo.

Aos quinze anos, ele conseguiu quebrar uma barra de gelo sem o mais inaudível gemido, o que fez com que seu pai ganhasse uma aposta que lhe possibilitou comprar uma mercearia que, depois de dois anos, ficou para Leal.

Fora este fato estranho, levava uma vida normal e, aos vinte e sete anos, chegou inclusive a se casar e ser pai de dois lindos meninos. Mas seu hábito permanecia.

No início, as coisas foram um pouco difíceis para Eleonor, sua esposa. Sempre que Leal tinha um desses ataques que lhe eram peculiares, ela caía em pranto, gritava e se desesperava vendo o estado de seu marido. Leal não tocava no assunto. Sua sogra chegou a imaginar que ele estivesse possuído pelo demônio. Chamaram padres, benzeram a casa, rezaram e rezaram, mas tudo continuava na mesma.

Todos se apavoraram quando, uma noite, foram acordados com o choro do menino mais velho, único na época, que com sua primeira dúzia de meses ainda mal completados, começou a chorar e bater a cabeça no berço. Felizmente, tudo não passou daquela noite e não mais se repetiu a cena.

Com o tempo, Eleonor se acostumou — não totalmente é verdade, mas ela havia encontrado um meio de conviver com o bater constante e ritmado de cabeça e parede. Eleonor comprara um pandeiro e assim que começava o bater de cabeça ela come-

çava o batuque no seu pandeiro. As crianças que nunca haviam entendido nada (uma com sete e a outra com cinco), começavam a dançar.

Desde então tudo era festa. Os vizinhos começavam a aparecer toda vez que ouviam o agitado batucar daquela família. Cada vez vinham mais, e mais, e mais... e os pagodes se desenrolavam muitas vezes até o amanhecer. Pinga, cuíca, caixa de fósforo, torresmo... até a velha sogra de Leal — que a princípio atribuía tudo às traquinagens do demônio — por lá aparecia e se divertia mais do que ninguém. Leal não dizia uma palavra; sepultava no seu silêncio a incompreensão de si mesmo. Ao menos, as pessoas não mais o olhavam assustadas. Elas até passaram a cumprimentá-lo com palavras amigáveis e tapinhas nos ombros e barriga. Leal sorria. E isso era de se comemorar, foram poucas as vezes em que sorriu, sendo a última quando seu filho mais novo nasceu. E isso veio refutar a idéia que ele tinha de que sua insensibilidade não se limitava unicamente à dor que a muitos pareceria insuportável.

E talvez tudo permanecesse na aparente harmonia que já há alguns meses suportava o peso de algumas vidas tumultuadas em seus ombros, caso Leal houvesse acordado naquele dia sem ter perdido a cabeça. Eu expressei aqui a imagem que o valor literal dessas palavras evoca. Leal havia perdido a cabeça. Não se sabe exatamente quando, nem como.

E não havia mais batucadas, não mais paredes rachadas ou pagodes em casa de Leal. Seria de se comemorar. Leal estava curado, compulsivamente curado, mas o que importava era que ele estava curado. No entanto, tal clima não durou. Eleonor entendiou-se e percebeu que o que a unia a ele era nada além daquele tique característico.

Eleonor não passava mais nenhuma noite em casa. Passava agora todas as noites tocando seu pandeiro em casa de Zé Mário, e só aparecia ao amanhecer. Zé Mário era um batuqueiro de caixa de fósforos profissional. Era na sua casa que se desenrolavam agora os famosos pagodes. Leal ficava em casa. O que

aconteceu depois de algum tempo já era de se esperar: Eleonor apaixonou-se por Zé Mário e tudo isso culminou numa viagem de Eleonor, as crianças, Zé Mário e mais seis ou sete colegas para o Japão, afim de ganharem algum dinheiro com o seu pagode. Devem ter tido sucesso. Jamais voltaram.

Leal ainda estava em casa, só, sentado à frente da televisão, com um cigarro na mão direita; enquanto sua cabeça repousava em um chafariz, onde os passarinhos bebericavam, faziam ninhos em seus cabelos, e do seu nariz, poleiro.